

FORMULÁRIO 11
CONTO OU CAUSO HISTÓRICO
(FOLCLORE E TRADIÇÃO)



MUNICÍPIO: Ibirama.

Título do Conto ou Causo Histórico: A Festa dos Fantasmas

Autor do Conto ou Causo Histórico: Apolônia Gastaldi

Biografia: Apolônia Gastaldi nasceu no vale do Itajaí, num lugarejo chamado Morro Pelado, no município de Indaial, em Santa Catarina. É filha de Izabel Miguelina da Silveira e João Gastaldi, ambos descendentes de europeus vindos de Espanha, França, Portugal e Itália. Uma de suas bisavós é índia de uma tribo da Nação Tupi.

Durante sua vida no magistério, atuou em todos os graus do ensino e fez grandes amizades.

Hoje, dedica-se à Literatura e declara que já tem feito mais amigos e colhido grandes emoções. Há alguns anos fixou residência em Ibirama.

Narrador do Conto ou Causo Histórico: Apolônia Gastaldi

Fontes de pesquisas/referências: Recantos Populares

Relato do Conto ou Causo Histórico: “A Festa dos Fantasmas”

O relógio da sala já tinha dado as badaladas da meia noite há algum tempo. A casa toda estava às escuras. Tudo fechado, trancado, travado nas taramelas. O frio campeava solto lá fora junto com uma serração fina, branca que não deixava a vista alcançar um metro. E aquele ventinho sem efeito maior tentava rolar pela casa toda vindo do sótão. Passava pelo miolo da gente como um aviso: aí tem coisa! O menino que varria os terreiros das folhas caídas não estava ali. Para meu azar eu estava sozinha. Como sempre. Não, eu não tenho medo! Casa antiga, mal assombrada, afamada, carregada de visões, fantasmas, gemidos, roncões estranhos. Rodeada de espíritos das gentes que haviam morrido ali desde 1893, antes até. Aparições de noiva enterrada no jardim, logo ali, entre os dois pés de camélias. E aquele homem enterrado no porão? E o outro que tendo perdido as esperanças, desiludido da vida, se enforcara nas travas do telhado do sótão? Parecia uma festa. Por onde andariam as almas, os espíritos destas criaturas? E eu sozinha ali naquela casa antiga, no casarão da Subida, perto do Morro Pelado, ali as margens da 470, Km 111. Vizinho tudo longe. Sacramento! Deus Santo! Tudo escuro, tudo um vazio só. Agora pensei ter ouvido algo. Pareciam vozes sem sentido, baixas. Vinham do porão? Vinham do lado dos fundos do velho casarão? Nada definido. Eu espreitava bem os ouvidos. As vozes sumiam. Tive um arrepio. Era o sinal. Pensei: e se forem bandidos tentando me levar? Ah! Assaltou-me a lembrança do meu taurus 32, cano médio com o tambor carregado de balas novinhas, brilhantes. Onde estaria guardado? Ah!, em que região do cérebro fica a memória nesta hora? Depois pensei na carabina que meu irmão deixara ali comigo. Carabina? Coisa de colecionador! Não daria. Tudo corria como um raio laser pela minha mente. O pavor já tinha força, cheiro, som e cor. E os murmúrios lá fora, perto da entrada dos fundos, aumentavam. Agora batiam na porta. Eu sozinha. Muito mais de meia noite. Um facho de lembranças soprava na minha mente. Só de arrepiar. Só coisas do outro mundo. As vozes não se definiam. Eu não entendia nada. Fiquei parada, arrepiada, cabelos em pé. Agora sim, aquilo era a vingança dos espíritos pela minha falta de crença neles. Será que existiam mesmo? Agora estavam ali. E eu sozinha tremendo as canelas. Bem feito! Bem feito mesmo pra minha pessoa incrédula.

Esperei um pouco mais, presa que estava no chão sem poder dar um passo só que fosse. O cedro alto, forte, gemia lá fora com o vento. E num repente escutei: **Vizinha, por favor, pode levar a minha mulher para a maternidade? Está na hora. Por favor, socorro, precisamos de seu carro.** Era a “rapa do tacho” dos Marcolinos, meus vizinhos, que queria nascer num raio de cinco quilômetros dali não havia outro carro, senão o meu.

Data e Local de Ocorrência dos Fatos Narrados: Morro Pelado, município de Apiúna, SC, 1897

Observações Gerais/Curiosidades sobre o Conto ou Causo Histórico: O conto narrado é verídico.

Nome e Assinatura do Agente Cultural: Wilde Bauner

Data do Preenchimento do Formulário: